

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS

JULIANA SOUSA RODRIGUES

**ATALIBA, O VAQUEIRO:
O HERÓI PIAUIENSE NAS PÁGINAS NARRATIVAS DE FRANCISCO GIL
CASTELO BRANCO**

PICOS – PI

2015

JULIANA SOUSA RODRIGUES

**ATALIBA, O VAQUEIRO:
O HERÓI PIAUIENSE NAS PÁGINAS NARRATIVAS DE FRANCISCO GIL
CASTELO BRANCO**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Piauí - UFPI, como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciatura Plena em Letras Português. Sob Orientação do Profº. Me. Welbert Feitosa Pinheiro.

PICOS – PI

2015

Ficha Catalográfica

R696a Rodrigues, Juliana Sousa.

Ataliba, o vaqueiro: o herói piauiense nas páginas narrativas de Francisco Gil Castelo Branco / Juliana Sousa Rodrigues.– 2015.

CD-ROM : il.; 4 ¼ pol. (33 f.)

Monografia (Licenciatura Plena em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2015.

Orientador(A): Prof. Me. Welbert Feitosa Pinheiro.

Literatura Piauiense. 2. Ataliba-Vaqueiro. 3. Ataliba-Piauiense. I. Título.

CDD B869.4

JULIANA SOUSA RODRIGUES

**ATALIBA, O VAQUEIRO:
O HERÓI PIAUIENSE NAS PÁGINAS NARRATIVAS DE FRANCISCO GIL
CASTELO BRANCO**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Plena em Letras, como pré-
requisito para a obtenção do grau de
Licenciatura em Letras/Português.

Monografia aprovada em 03 / 07 / 2015

Banca Examinadora

Welbert Feitosa Pinheiro

Prof. Me. Welbert Feitosa Pinheiro - Orientador
Universidade Federal do Piauí UFPI.

Fernanda Martins Luz

Prof. Me. Fernanda Martins Luz - Examinadora
Universidade Federal do Piauí UFPI.

Margareth Valdivino da Luz Carvalho

Prof. Me. Margareth Valdivino da Luz Carvalho - Examinadora
Universidade Federal do Piauí UFPI.

PICOS – PI

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre proteger os meus dias, e me guiar pelos caminhos do bem, pelo amor e força que me deste para nunca fraquejar nos momentos difíceis.

Aos meus pais Erasmo e Maria José, por me ensinarem os valores da vida, pelo amor incondicional, pela liberdade nas minhas escolhas e a confiança depositada em mais este desafio, minha eterna gratidão!

Ao Meu irmão Ramon, pela paciência, compreensão e pelos momentos de alegria e diversão.

Ao meu namorado Evandro, pelo apoio, carinho, incentivo, por sempre acreditar em mim e por sonhar junto comigo.

As minhas amigas de jornada acadêmica, Natalice, Luciana e Lara Marina, por a parceria nesses anos de UFPI, pelos trabalhos em grupo, pelas conversas, pelas festinhas de final de período. Agradeço a vocês por tornarem minha graduação mais divertida, e por sempre acreditarem no meu potencial.

A Beatriz pela sólida parceria construída durante a graduação; pelo apoio e amizade sempre presentes.

A todos os familiares e amigos que contribuíram direto ou indiretamente para a concretização deste sonho.

Agradeço em especial ao professor Welbert Feitosa Pinheiro, por ser meu orientador e me guiar, com seus sábios conhecimentos, à conclusão desta pesquisa; pelas dúvidas esclarecidas, pela amizade, confiança, incentivo e paciência.

A todos o meu muito Obrigada!

Comparada, às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime. Senão for amada, não revelará sua mensagem; e se não a amarmos, ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que a compõem, ninguém as tomará do esquecimento, descaso e incompreensão.

Antônio Candido

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo literário acerca da obra *Ataliba, o vaqueiro* do escritor piauiense Francisco Gil Castelo Branco. Tendo como objeto de estudo o vaqueiro e o seu perfil de herói, procura-se construir a identidade do herói do sertão, a partir da análise do personagem Ataliba na obra. Para tal, é necessário investigar as relações entre literatura e o contexto sociocultural da época, a concepção de herói ao longo dos séculos, a importância do vaqueiro para a sociedade sertaneja, como também identificar os elementos que tornam o vaqueiro Ataliba merecedor do título de herói. Utilizou-se para a realização da pesquisa como principais teóricos Silva (2005) e Moraes (1997) para a discussão relacionada à literatura piauiense e o vaqueiro no século XX, usou-se Feijó (1995), Lucchesi (2008) e Kothe (1985) para tratar do tema herói, Cândido (2009) e Brait (1998) para compreender a personagem do romance e Bosi (2012) e Coutinho (1978) para estudos sobre o romantismo, entre outros. Para tal estudo utilizou-se a pesquisa bibliográfica, que se caracteriza pela leitura de fontes teóricas que discutem sobre o assunto e que são utilizadas também para a coleta de informações a serem usadas na produção do texto monográfico. A obra em estudo é um romance romântico que tem o enredo baseado na história da seca de 1877 e suas consequências para a população. Em *Ataliba, o vaqueiro* o autor idealiza o personagem-título, dando-lhe a posição de herói da narrativa através do conflito que o personagem vivencia na obra.

Palavras Chave: Ataliba, o vaqueiro; Herói; Literatura Piauiense.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 ABORDAGENS TEÓRICAS.....	12
2.1 O que é Literatura?	12
2.2 Sobre o romantismo e a representação da seca na literatura piauiense	13
2.3 Ataliba, o vaqueiro: percorrendo a obra	14
2.4 O herói: origem, conceito e história	18
3 METODOLOGIA	21
4 CONSTRUINDO A IDENTIDADE DE ATALIBA, O HERÓI DO SERTÃO	22
4.1 O vaqueiro.....	22
4.2 Ataliba: analisando a personagem para a construção do herói.....	24
4.3 Texto e contexto.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

1 INTRODUÇÃO

Ataliba era moço, tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. O seu traje caprichoso indicava desde logo que ele era um vaqueiro e enamorado. (Castelo Branco)

A arte é utilizada pelo homem como forma de expressão dos sentimentos, emoções, valores e crenças de uma sociedade. Sendo a literatura uma manifestação artística, então ela faz parte da humanidade.

Para a pesquisa foi escolhido à obra literária piauiense *Ataliba, o vaqueiro*, do escritor Francisco Gil Castelo Branco. Tendo como objeto de estudo o vaqueiro e o seu perfil de herói, procura-se construir a identidade do herói piauiense, a partir da análise do personagem Ataliba na obra.

Para tal, é necessário investigar as relações entre literatura e o contexto sociocultural da época, a concepção de herói ao longo dos séculos, a importância do vaqueiro para a sociedade sertaneja, como também identificar os elementos que tornam o vaqueiro Ataliba merecedor do título de herói.

A escolha do tema não ocorreu de forma aleatória, o interesse em realizar a análise literária da obra *Ataliba, o vaqueiro*, deve-se ao fato de os estudos de obras piauienses estarem cada vez mais escassos, e pelo fato de ser esta a obra introdutora do tema da seca no Piauí. Como também, pela necessidade de construir uma identidade para o herói do sertão.

Para tal estudo é indispensável à utilização de Silva (2005) para estudos sobre a literatura da seca e sobre o vaqueiro, e Feijó (1995) para análises acerca do herói, dentre outros, que foram de grande importância para a fundamentação deste trabalho.

A obra em estudo foi lançada pela primeira vez em forma de folhetim, fato que demonstra a dificuldade de Castelo Branco em publicar a sua obra. Os conflitos vividos pelos personagens de *Ataliba, o vaqueiro*, representam os medos, angústias e insatisfações de toda a sociedade sertaneja em épocas de grande seca.

Em *Ataliba, o vaqueiro*, Castelo Branco desenvolve um romance afetado pela seca. O autor idealiza seus personagens, sobretudo o seu personagem-título Ataliba. Ele destaca o vaqueiro daquela fazenda, o administrador dos animais e das terras que lhe foram confiadas, e sua posição de destaque nos momentos de tragédia.

No primeiro capítulo do trabalho monográfico estão as abordagens teóricas, em que se realiza uma discussão acerca da literatura, do surgimento da literatura piauiense, o contexto Geral da obra *Ataliba, o vaqueiro*, e estudos sobre a origem, a história e o conceito de herói ao longo dos séculos. Para tal pesquisa foram utilizados Barthes (1981), Cândido (2006), Moraes (1997), Bosi (2012), Silva (2005), Feijó (1995), Menegusso (2012), entre outros.

O segundo capítulo, a Metodologia, apresenta qual o método utilizado para a realização da pesquisa e a forma como ela foi desenvolvida. Usou-se para suporte teórico sobre a temática metodologia Gil (2002).

O terceiro capítulo, construindo a identidade de Ataliba, o herói do sertão, aborda a análise literária da obra, realizando um estudo sobre o vaqueiro, sobre a personagem no romance e sobre o contexto em que a obra foi escrita. Utilizou-se Silva (2005), Brandão (2008), Cândido (2009), dentre outros.

E, por último a conclusão, que apresenta as reflexões acerca das análises e dos elementos que foram postos em estudo.

2 ABORDAGENS TEÓRICAS

Literatura é feitiçaria que se faz com o sangue do coração humano. (Guimarães Rosa)

2.1 O que é Literatura?

A literatura é uma manifestação artística, que recria a realidade a partir do ponto de vista do autor, é um reflexo das emoções e dos pensamentos do ser humano diante do mundo. O que diferencia a literatura dos outros tipos de arte é a matéria-prima, na pintura o artista trabalha com tinta, na dança com os movimentos, na literatura usa-se a palavra. Segundo Barthes (1981, p.11):

A expressão literária, é uma manifestação de tipo estético, de tipo artístico, ao mesmo nível que a pintura, a escultura, a música e, atualmente o cinema. Por conseguinte, podemos afirmar que é uma expressão estética que opera através de signos muito rigorosos: os signos escritos.

A palavra pode superar seus limites de significação, podendo passar a representar um novo meio de perceber e de representar a realidade, e é este o caminho que o escritor literário percorre. Ele escolhe e manipula as palavras, organizando sua matéria prima para criar e/ou recriar um mundo baseado no real.

Através da língua o artista expressa sua visão de mundo, que por sua vez está inserida em um contexto histórico, político e social. Podemos então considerar que o autor procura expressar em sua obra seus valores e seus ideais, fazendo da obra um instrumento de comunicação e interação. Para Cândido (2006, p. 186) " A literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente ".

Desse modo, entende-se que a literatura é uma transfiguração do real, realizada por meio de experiências sociais e pessoais do autor, onde este usa sua imaginação para criar a realidade ficcional.

Sempre houve no homem a necessidade de expressar e de mostrar seus sentimentos, angustias e insatisfações. Ele então encontrou na arte a ferramenta

para concretizar essa necessidade. A literatura ajuda a compreender o homem e toda sua complexidade, pois ela registra e reflete as experiências, pensamentos, ideais e valores que foram vivenciados ao longo de determinada época. Pode-se então compreender a literatura como uma expressão de sensações e de valores, criada a partir da imaginação do artista, espelhada nas suas experiências pessoais e sociais.

2.2 Sobre o romantismo e a representação da seca na literatura piauiense.

Poucos anos depois de ser proclamada a independência política do Brasil, surge o romantismo. O artista da época passou a se dedicar à criação de uma identidade cultural, que representasse sua história e sua cultura. Entre as mudanças que a Coroa portuguesa trouxe consigo, está à criação de uma imprensa regular, mudança nos costumes brasileiros que facilitava a propagação da cultura e dos acontecimentos das diversas regiões do Brasil, inclusive o Piauí.

Conforme Moraes (1997, p. 81) “Era a época das acirradas lutas jornalísticas, onde o panfletário, o jocoso e o virulento se mesclavam, projetando o sentimento nacionalista [...]”. Era através dos jornais que se incorporavam os valores e os princípios da sociedade, a imprensa era um importante instrumento para tornar público algo que ainda era desconhecido para muitos.

A primeira obra que retrata a seca no Piauí é *Ataliba, o vaqueiro*, que apareceu pela primeira vez em forma de folhetim. O romance revela o drama vivido por as famílias afetadas pela seca, mostrando seus personagens e a forma como foram obrigadas a deixar suas casas e se tornar retirantes para tentar sobreviver. Segundo Moraes (1997, p. 96):

Antecessor das atuais telenovelas, o folhetim era o meio através do qual os escritores atingiam seu público [...] *Ataliba, o vaqueiro* foi o primeiro romance brasileiro efetivamente imaginado e publicado por um piauiense, abordando tema regional e situado em território do Piauí.

A publicação de *Ataliba, o vaqueiro*, indicou que o tema da seca se tornaria de interesse popular. A curiosidade pela vida das pessoas que sobreviviam de forma tão precária passou a fazer parte do cotidiano das pessoas que viviam no sul do país.

Francisco Gil Castelo Branco foi o primeiro a representar a seca, e assim antecipou o que se tornaria a marca do romance de 30. A obra também ganhou a simpatia do público carioca pelo fato de passar informações diferentes daquelas a que estavam acostumados. Segundo Bosi (2012, p. 135):

A fusão de um pedestre e miúdo cotidiano, com o exótico, o misterioso, o heroico, define bem o arco das tensões de uma sociedade estável, cujo ritmo vegetativo não lhe consentia projeto histórico ou modos de fuga além do ofertado por alguns tipos de ficção.

Um tema até então desconhecido, chama a atenção e desperta o interesse de uma comunidade que de certa forma era mais favorecida pelo clima, e desconhecia as dificuldades enfrentadas pelo povo piauiense. É certo que depois da obra de Francisco Gil Castelo Branco, outras com a mesma temática foram escritas, porém, *Ataliba, o vaqueiro* merece destaque por ter sido a obra introdutora do tema no Brasil.

2.3 Ataliba, o vaqueiro: percorrendo a obra.

Na época em que *Ataliba, o vaqueiro* foi escrito já eram conhecidos alguns romances classificados de regionalistas, como *O sertanejo* de José de Alencar e *O garimpeiro* de Bernardo Guimarães, porém a literatura da seca, propriamente dita, ainda não existia, e coube a Francisco Gil Castelo Branco introduzi-la no âmbito literário.

O escritor viu a seca como um elemento importante para concretizar a literatura do Piauí. Sendo esse estado brasileiro desprivilegiado quanto ao clima, ocorria então a emigração forçada, pois com a falta da chuva e uma comunidade essencialmente agrária, as possibilidades de sobrevivência diminuía. Conforme Silva (2005, p.20) “a seca não é apenas cenário, mas entidade viva e real que age sobre as pessoas, sobre a natureza e sobre o mundo do sertanejo.”

A seca era a principal ameaça para o homem do sertão, pois ela trazia consigo desgraça e sofrimento para a população. Francisco Gil Castelo Branco demonstra na obra como o clima interfere na vida das pessoas que vivem no sertão, ele narra inicialmente uma paisagem verde, de muita beleza, e ao mesmo tempo

mostra a alegria popular, a fartura e a tranquilidade da época de colheita. Segundo Castelo Branco (2012, p. 57/64):

Campinas imensas, unidas como a face do oceano, cortavam léguas sobre léguas, dilatando mil horizontes traçados pelas carnaubeiras [...]. O solo era coberto de uma grama virente e macia, que nutria grandes rebanhos por ali pastando a esmo. [...] A dança ia começar. As violas romperam um concerto.

A partir do capítulo cinco, o narrador começa a descrever um cenário completamente diferente, agora era a paisagem trágica da seca, as árvores secas e desfolhadas, o desespero, a fome dos personagens e a paisagem devastadora de cadáveres de animais sob a terra. Conforme Castelo Branco (2012, p. 82/88)

O gado restante sorvia a última gota d'água do ribeiro e mugia em desespero rondando o tanque [...]. O riacho não continha mais uma gota; as suas pedras ardiavam como brasa e as areias escaldavam como as cinzas de uma fogueira ativa.

Diante da seca imposta pela natureza, os personagens do romance tornam-se indefesos e impotentes. De fato, quem aparece na obra são personagens simples, comuns, sem complexidades psicológicas e sem nenhum grande conflito interior. Os sertanejos, eram então, apenas vítimas da seca, e o romance entre Ataliba e Teresinha, que inicia a narrativa, é desviado pela tragédia que acontecia no sertão. Conforme Moraes (1997, p.98):

O fulcro da narrativa, que deveria focalizar o romance entre o vaqueiro e a campesina, é desviado pela luneta da tragédia que se abatia no sertão nordestino. A terra, de onde vem a sobrevivência do homem do campo, é fulminada pela seca, mudando completamente todos os planos de prosperidade e realização pessoal e coletiva. O casamento de Ataliba e Teresinha, cuja data já estava marcada, é adiado e o enredo rapidamente cresce [...].

A criação de gado e a agricultura de subsistência não resistiram à falta de chuva, e este foi o motivo da grande tragédia social. Ataliba, Teresinha, Deodata e Cassange representaram as figuras mais tradicionais do sertão, e foi o sofrimento desses personagens que representou as dificuldades de todos os nordestinos no período da seca.

Teresinha, e todas as sertanejas, são idealizadas pelo autor. Elas possuem todas as características das mulheres daquela região, e são descritas com absoluto fascínio. Segundo Castelo Branco (2012, p.33):

Teresinha era uma morena sedutora. As suas formas, delineando –se em modesta saia de chita, e os seios arfando sob alva camisa orlada de rendas, ofereciam a escultura em modelo de perfeições. As tranças espessas, escuras e lustrosas como fios negros de seda, desciam – lhe até a cintura de ninfa, as suas mãos de criança, conquanto algo estragadas pelo trabalho valiam um tesouro de rainha [...] as filhas do sertão são como as flores campesinas; a arte não lhes realça o valor; desabrocham e fenecem ignoradas, mas a sua singeleza arrebatava, os seus perfumes embriagavam, os seus matizes deslumbravam! [...] São tão lindas; tão mimosas as flores dessas campinas e as filhas desses sertões!

O autor também atribui marcas que são comuns às mulheres de vida simples e sertaneja, como a descrição dos cabelos em tranças e as mãos desgastadas pelo trabalho do campo. Deodata, mãe de Teresinha, representa a mulher nordestina, experiente, destemida e teimosa. Ela recusa-se a abandonar o sertão e não aceita ter suas vontades contrariadas. Segundo Silva (2005, p.103):

Deodata representa a nordestina forte, destemida, teimosa. Sua rebeldia em não aceitar os conselhos para deixar a fazenda contribuíram para a destruição e morte do núcleo familiar a ela submetido[...] Naquelas circunstâncias, esperava – se que ela, como mãe, pensasse primeiro no bem - estar da filha; porém, como viúva chefe, sua autoridade legitimava o direito de pensar em assegurar a sobrevivência futura de todos, e não apenas da filha.

Deodata era viúva, e como pessoa mais velha do núcleo familiar envolvido, ela assumia o posto de autoridade. Sempre firme, recusava-se a deixar a fazenda onde morava, pois acreditava estar abandonando tudo que conquistou com seus anos de trabalho.

No núcleo principal da narrativa aparece também Cassange, companheiro de Ataliba nos cuidados com o gado. É um africano que veio desde menino para o sertão, amigo de Deodata e Teresinha, trabalhou para vários patrões, sendo o último o marido de Deodata. Conforme Castelo Branco (2012, p.51):

Cassange era uma figura exótica, repetimo – lo. Pequeno e esguio tinha uma cabeça grande, encarapinhada de cabelos brancos – cinza, que lhe desciam pelo rosto alongado[...] Fora importado da África ainda moleque e conservava o nome de sua terra natal. Há muito que ocupava na fazenda o lugar de fábrica, qualificação que se ali dá ao escravo ajudante do vaqueiro nos estabelecimentos de criação de gado.

No decorrer da narrativa observa-se sua fidelidade, amizade e companheirismo, não abandonando os amigos em nenhum momento durante a narrativa. E é por causa de tamanha devoção e amor que não suporta a tragédia e fica louco quando todos morrem.

Ataliba, o personagem-título, era a maior autoridade local, na ausência de pessoas importantes da sociedade rural, como os fazendeiros, os vaqueiros representavam o principal papel na hierarquia social do sertão, pois tinham fundamental importância nas fazendas piauienses. Era o vaqueiro que administrava a propriedade e negociava o gado. Conforme Silva (2005, p.94) “Ataliba é o agente da ação, a figura mais importante da trama, pois desempenha a função do patrão, do dono das terras, na ausência desse.”

O vaqueiro é um símbolo muito tradicional no Piauí, geralmente tem sua função atribuída ao profissional que maneja gado, porém, a figura do vaqueiro, na obra de Francisco Gil Castelo Branco, adquire também uma importância social, ele distingue-se dos outros, pois é o representante do patrão e torna-se assim a autoridade máxima na fazenda. Segundo Silva (2005, p.46):

Castelo Branco desperta certas expectativas com *Ataliba, o vaqueiro*, com um nome próprio seguido da profissão, destacando a figura do vaqueiro e caracterizando o sertanejo como herói que, na ausência do patrão, fato comum na sociedade rural daquela época, se constitui como autoridade máxima nas fazendas.

Ataliba leva então o título de herói do sertão, Castelo Branco ao descrever suas características físicas, já deixa claro a sua superioridade em relação aos outros personagens. Ataliba é um homem forte, honesto, corajoso e muito habilidoso em suas atividades de vaqueiro. Conforme Castelo Branco (2012, p.36):

Ataliba era moço, tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. O seu trajar caprichoso indicava desde logo que ele era um vaqueiro [...] as suas pernas, o seu guarda – peito, o seu gibão e o seu chapéu com trancelim e borlas de fios de cor, eram de finas peles de bezerro, lavradas com esmero por hábeis mãos do mestre.

Ataliba se eterniza como herói não apenas por seus atributos físicos ou por sua posição de vaqueiro, mas também por sua luta contra as consequências da seca. Castelo Branco idealiza seus personagens não apenas por ser característica do romance, mas também como forma de aproximar aquela realidade sertaneja, que até então era desconhecida e/ou ignorada, as autoridades da época.

De modo geral, a obra *Ataliba, o vaqueiro* é um romance romântico que possui um final trágico para os personagens protagonistas. A obra é uma denúncia

dos problemas acarretados pela seca, em que nem mesmo o mais habilidoso com a terra agreste do sertão consegue se salvar.

2.4 O herói: origem, conceito e história.

Desde o início da humanidade, os povos fazem referência a algum homem, este aclamado pelos demais, torna-se famoso e reconhecido no meio em que vive por suas virtudes e/ou pelos seus feitos, conseguindo assim uma posição de destaque e recebendo então o título de herói. Conforme Feijó (1995, p.12):

Todos os povos chamados de primitivos têm em seus mitos e em seus ritos e cultos a presença de vários indivíduos destacados, superdotados, valentes, diferentes da média dos homens, que nós chamamos de herói. Foram os gregos que deram o nome a eles, como também foram os mitos gregos os que mais sobreviveram, que não se transformaram em religião, nem desapareceram da memória histórica.

Segundo o autor foi a partir do mito que se deu o nascimento do herói, sobretudo com mitologia grega. O mito muitas vezes é associado à mentira ou a algo que não pode ser comprovado, entretanto, o mito está relacionado às crenças de um povo, uma busca da sociedade em tentar explicar o inexplicável, representando assim a “verdade” de uma comunidade, de uma coletividade.

Os heróis de grande destaque, e que tiveram grande repercussão, estão na mitologia grega, onde existiram heróis que se destacaram por suas façanhas surreais. Foi a época dos heróis fascinantes, transformados pelo povo, através de suas crenças, em divindades. Segundo Feijó (1995, p.17) “esses heróis tinham sido indivíduos destacados em suas sociedades e que a imaginação coletiva acabou por dotá-los de poderes extra-humanos”.

À medida que surgiam heróis superdotados na mitologia grega, passou a surgir também os primeiros heróis ocidentais, agora eram apenas humanos encarregados de lutarem por seu povo a fim de defendê-los de todos os perigos. De acordo com Menegusso (2012, p.15):

À medida que os gregos procuravam se organizar em suas comunidades através dos mitos e deuses, iam surgindo também os primeiros heróis da cultura ocidental. Semideuses ou apenas humanos, esses indivíduos eram

encarregados de lutarem pelo seu povo, defendendo-o dos perigos e ameaças. Eles viviam em um mundo “vigiado” por seres divinos; no entanto, se diferenciavam destes em alguns aspectos: enquanto os deuses tinham características humanas, como vícios e virtudes, os heróis apresentavam “características divinas, com poderes especiais, embora fossem mortais.”

Entende-se que a figura do herói ainda estava ligada ao mito grego dos deuses, porém percebe-se uma mudança em suas características, como o fato de o herói agora ser mortal, aproximando-se em parte das pessoas comuns, porém ainda possuindo características surreais advinda dos mitos.

Com o passar dos séculos, os heróis mitológicos abrem espaço para heróis de características mais humanas, com aspectos de pessoas reais. Nessa época, não só a sociedade se desenvolvia, mas a literatura também. De acordo com Kothe (1985, p.14) “à medida que o herói épico decai em sua ‘epicidade’, ele tende a crescer em sua ‘humanidade’ e nas simpatias do leitor/espectador.”

O leitor passa a ver nas obras literárias um herói mais próximo da realidade, passando então a identificar esse indivíduo heroico com si mesmo. Esse fato se deve ao período da Idade Média em que houve uma decadência do feudalismo e um forte crescimento da burguesia, favorecendo assim o desenvolvimento do comércio e o surgimento da imprensa. Conforme Menegusso (2012, p.18):

É com a burguesia que se instaura, e ao mesmo tempo se populariza, um dos principais gêneros narrativos da modernidade - o romance.[...] O romance como forma de expressão literária da modernidade surge, aproximadamente, no século XVIII, com o advento da Revolução Industrial e o pleno desenvolvimento da burguesia. Apresenta entre suas principais características a preocupação com os conflitos sociais e políticos.

É com o surgimento do romance que o herói passa a viver conflitos comuns à realidade humana. É agora um herói totalmente diferente dos encontrados nas epopeias, desprovido de superpoderes, mas que possui valores que se sobrepõe aos demais indivíduos.

O herói então seria aquele que compreende as condições da época em que vive e assume a liderança. Segundo Feijó (1995, p.35) “O herói seria o que compreende as condições maduras e encarnaria na sua liderança aquilo que sua época determinasse.” O herói, portanto, está limitado a cultura de seu tempo, ele é um instrumento do meio social em que vive.

No momento em que o herói é desvinculado do mito, a literatura assume o papel de transformar características reais em ações heroicas. Na mitologia o herói é divino, na literatura ele assume o papel de agente da ação. Segundo Feijó (1995, p.80) “O herói literário do século XX veio a ser isto: o herói se descobre no seu cotidiano anti-heroico.”

É no decorrer da narrativa, em frente aos problemas impostos que a figura do herói aparece e se eterniza através de seu comportamento e de características como a lealdade e a coragem. Conforme Lucchesi (2008, p.54):

Seu perfil é delineado por uma aura *solar e sagrada*. Assim, o herói em razão de suas características e atitudes, deve ser capaz de *iluminar* a vida. Nesta perspectiva, a figura do herói representa a fundação de um paradigma com que se deve pautar o comportamento do homem.

Refletir sobre o conceito de herói significa imaginar a condição humana ora em sua glória ora em sua fragilidade. A personagem que assume o papel de herói deve demonstrar grandeza em suas características, atitudes, gestos, comportamento e personalidade.

Em algumas narrativas, como a obra piauiense *Ataliba, o vaqueiro*, o herói é uma vítima da sua própria condição, ele vive um dilema e a princípio não é herói, mas protagonista de uma situação. Serão suas atitudes e seu comportamento dentro do conflito que o tornarão herói.

A literatura dispõe ao herói valores como coragem, fidelidade, lealdade e bondade, e são estes valores que tornam a figura do herói um item essencial na cultura humana. Conforme Feijó (1995, p.99):

O herói é sempre um elemento da cultura, onde quer que ele se encontre, manipulado ou não, sofisticado ou mistificado, ele exerce o mesmo fascínio que o mito exerce sobre os primitivos, porque este tem a ver com esferas de nós mesmos que, na maioria dos casos, ainda desconhecemos.

O herói de uma cultura e/ou de uma determinada época é aquele que mais se assemelha com a sua realidade e com suas condições reais de vida, ele representa a identidade de um povo e possui as características que as outras pessoas almejam, representando no meio em que vive um ser superior e respeitado, e ao mesmo tempo humano.

3 METODOLOGIA

A metodologia pode ser definida como a prática exercida para a realização de uma pesquisa. Ela é quem nos apresenta os métodos, instrumentos e técnicas que devem ser utilizados.

Para a pesquisa, elegeu-se como objeto de estudo a obra *Ataliba, o vaqueiro*, do escritor piauiense Francisco Gil Castelo Branco. Pretende-se realizar um aprofundamento no perfil do personagem-título Ataliba, a fim de traçar o seu perfil como herói da narrativa.

Toda a pesquisa se constituiu bibliográfica, ou seja, foi realizada através de materiais já existentes, principalmente por meio de livros e artigos científicos, foi utilizado também o uso da internet. Conforme Gil (2002, p.44/45):

Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. [...] A vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

De acordo com o autor, a vantagem da pesquisa bibliográfica está na grande quantidade de informações possíveis, facilitando assim a definição e a construção do objeto de estudo. É característica da pesquisa bibliográfica, usar como técnica principal a leitura, e através desta, selecionar, classificar e identificar as informações e os materiais que serão utilizados na pesquisa.

Para a realização do trabalho fez-se um estudo do herói desde o seu surgimento através do mito, até as diversas mudanças que sua definição sofreu até o século XX. Foi também considerado todo o contexto social da época em que a obra foi escrita.

Foi então, a partir da análise literária, que se realizou as discussões e conclusões sobre as relações postas em questão, as quais poderão servir de auxílio para estudos futuros.

4 CONSTRUINDO A IDENTIDADE DE ATALIBA, O HERÓI DO SERTÃO

As suas perneiras, o seu guarda-peito, o seu gibão e o seu chapéu com trancelim e borlas de fios de cor eram de finas peles de bezerro, lavradas com esmero por hábeis mãos de mestre. (Ataliba, o vaqueiro)

4.1 O vaqueiro

A descrição do personagem Ataliba pelo narrador, já deixa evidente o seu fascínio por o vaqueiro. O autor da obra desperta expectativas desde o título do texto – *Ataliba, o vaqueiro* – em que evidencia não apenas o personagem, mas também sua profissão. De acordo com Silva (2005, p.47):

Na verdade, os títulos das obras se constituem numa das tarefas entendidas como estratégias: dar contorno a certas possibilidades de comunicação. É o que acontece: eles possibilitam equivalências e a criação de relações entre o contexto referencial e o leitor do texto.

Ao evidenciar o vaqueiro no título, Castelo Branco torna público para as autoridades da época, e pessoas em geral que residiam no sul do país, não apenas uma profissão, mas a importância daquele indivíduo para o sertão. Castelo Branco narra em sua obra um episódio da seca que ocorreu em 1877, que foi uma das maiores que aconteceu no Nordeste.

No Piauí do século XIX, o vaqueiro não era apenas o administrador da fazenda, era o homem de confiança do fazendeiro. Função de imensa importância, pois a principal forma de sobrevivência da época era a criação de gado e a agricultura, e o vaqueiro era o responsável por cuidar de tais funções na ausência do patrão. Segundo Brandão (2008, p.128):

Nesta perspectiva a imagem veiculada do vaqueiro transcende a de um homem da lida, da labuta diária com a gadaria, embora a hostilidade do sertão e as dificuldades próprias da economia local não sejam ignoradas. Talvez esteja aí a explicação para o vaqueiro ser apresentado como um jovem herói, um homem resistente, ágil e conquistador.

A construção deste perfil, destaca a imagem de um homem que tem suas características ressaltadas pelo escritor em sua obra. Mas segundo a autora, o vaqueiro ultrapassa a ideia de ser apenas um homem responsável pelo gado, e é a sua importância social que lhe dá o título de herói.

O vaqueiro que Castelo Branco nos apresenta é um homem que, acima de tudo é forte e corajoso. Um homem valente e habilidoso em seu trabalho no sertão. Conforme Silva (2005, p.94):

Ataliba é forte, destemido, honesto e habilidoso, no trato da terra e do gado, e principalmente, distingue-se dos outros como representante do patrão e autoridade máxima na fazenda.[...] A descrição de Ataliba contrasta com a figura triste e sofrida do retirante, que anda vergado sob o peso do corpo, sem ânimo em busca de melhores condições de sobrevivência. A personagem é idealizada pelo autor [...].

A imagem de Ataliba é então associada à braveza e ao heroísmo, as características que são descritas pelo próprio narrador da obra, revelam um ser de aparência superior aos demais personagens. Conforme Castelo Branco (2012, p.36):

Ataliba era moço, tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. O seu trajar caprichoso indicava desde logo que ele era um vaqueiro e enamorado. Com efeito, as suas perneiras, o seu guarda-peito, o seu gibão e o seu chapéu com trancelim e borlas de fios de cor eram de finas peles de bezerro, lavradas com esmero por hábeis mãos de mestre. Um maço de cordas de couro adunco, dobrado em vários círculos, passava-lhe do pescoço sobre o braço esquerdo: era a sua faixa de honra, era o famoso laço com que prendia a rês rebelde à porteira do curral ou necessitada de algum cuidado.

Ao descrever as características físicas de Ataliba, Castelo Branco não só demonstra sua superioridade como também o impacto que elas causavam nos sertanejos, como apenas o porte atlético e sua aparência já deixavam claro que Ataliba ocupava a posição de vaqueiro.

Suas vestes também representavam uma distinção superior sobre os outros personagens, causando um efeito de admiração por os demais, e até mesmo um simples instrumento de trabalho, como a corda, quando usada por Ataliba, foi considerada pelo narrador sua faixa de honra, pois representava um dos utensílios de trabalho que Ataliba usava com o gado, reafirmando assim, a importância, o respeito e a admiração dos demais por sua condição de vaqueiro.

O autor também enfatiza traços da personalidade de Ataliba, como sua coragem, inocência, simplicidade e o seu amor e a sua gratidão aqueles que fazem parte do seu convívio social. De acordo com Castelo Branco (2012, p.36/37):

São naturezas especiais as dos homens desses ermos longínquos; implacáveis no ódio, extremados no amor, fiéis a gratidão, morrem onde se prendem, [...] Não se dobram aos maneios dos interesses, mas estalam

fendidos pelas paixões, não se curvam ao sopro das ventanias. Não recuam perante o perigo, tremem, entretanto, ouvindo histórias de duendes.

A harmonia entre as características físicas e a personalidade de Ataliba destaca os momentos de emoção que o vaqueiro vive. Um desses momentos ocorre quando Ataliba encontra Teresinha. Conforme Castelo Branco (2012, p.37): “Os seus olhos de carbúnculo chamejavam; um ar de ventura animava o seu rosto acaboclado e o seu porte esbelto, em harmonia com o seu vestuário, dava-lhe o aspecto de magnífica estátua fundida em bronze.”

O autor destaca com admiração a beleza do porte físico e do vestuário de Ataliba, chegando a comparar os olhos do vaqueiro com uma pedra preciosa, o carbúnculo, atribuindo assim poder e prestígio a imagem do personagem. Os demais instrumentos de trabalho do vaqueiro também foram evidenciados na obra. Segundo Castelo Branco (2012, p.36):

O bacamarte também lhe vinha a tiracolo e via-se-lhe à cintura uma larga faca de cabo de prata metida na bainha. A arma de fogo e lâmina de aço são companheiras inseparáveis do sertanejo, são os seus instrumentos de trabalho, de combate e de vingança! Durante o dia, percorrendo as pastagens, com a pólvora ele derruba a caça, à noite fere a onça - atocaia - o inimigo poderoso. Com o ferro prepara os artefatos próprios da sua profissão, ou deslinda em duelo terrível as contendidas do momento.

A autoridade de Ataliba é demonstrada através do uso de seus instrumentos de trabalho e de combate, o vaqueiro está sempre portando a sua faca e a sua arma de fogo. Os traços de Ataliba, suas características, seu comportamento e sua personalidade conferiram ao vaqueiro uma posição de destaque, confiança e respeito.

4.2 Ataliba: analisando a personagem para a construção do herói.

Em toda obra literária existe um enredo, neste ocorrem uma série de fatos e conflitos que são vivenciados por personagens. A personagem é uma pessoa importante na narrativa, o autor lhe dá credibilidade, personalidade, atributos físicos e sentimentos, tornando-a assim uma representação das pessoas. Conforme Cândido (2009, p.53):

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; [...] O enredo existe através das personagens, as personagens vivem no enredo.

É a relação enredo/personagem que dá significado e valor à obra. Partindo da ideia que a personagem é um habitante da realidade ficcional, e que este espaço ficcional é um espelho da realidade, entende-se que a obra literária foi o meio que o artista usou para reproduzir as relações do homem com o mundo. De acordo com Cândido (2009, p.54):

Avulta a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos.[...] Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do autor.

A personagem é então, não somente importante, mas fundamental para consolidar a aproximação do leitor com obra. Castelo Branco escolheu para seu personagem principal, a posição de maior prestígio no sertão, e apresentou para as pessoas do sul como era a realidade no Nordeste, sobretudo em época de grande seca.

Castelo Branco usou a literatura para representar a seca com todas as suas peculiaridades. Outro fator importante utilizado pelo autor foi usar um narrador que está fora da história, e assim focalizava a personagem nos momentos mais precisos, dando consistência e credibilidade à história. Conforme Brait (1998, p.55):

A apresentação da personagem por um narrador que está fora da história é um recurso muito antigo e muito eficaz, dependendo da habilidade do escritor que o maneja. Num certo sentido, é um artifício primeiro, uma manifestação quase espontânea da tentativa de criar uma história que deve ganhar a credibilidade do leitor.

Segundo a autora, quando o narrador descreve seu personagem, ele insere qualidades a fim de chamar a atenção do leitor. Ataliba ao ser descrito pelo narrador, não ganha apenas características, mas adiciona também intensidade aos conflitos que ocorrem na história.

O enredo de *Ataliba, o vaqueiro* baseia-se no drama vivido por as pessoas do sertão piauiense na seca de 1877. A obra retrata uma grande tragédia social,

mostrando de forma dramática a fome, o cenário devastador e a imigração forçada. Conforme Silva (2005, p.71):

Em *Ataliba, o vaqueiro*, o autor recupera o passado da população piauiense atingida pela seca, ou seja, a ficção é o agente não só para recuperar a história de uma parcela da população esquecida do Brasil, mas também para, através dessa história, fazer conhecer a situação de abandono miséria em que viviam os nordestinos no período de flagelo. Através do drama de Teresinha e Ataliba, chegam aos brasileiros do sul do país informações sobre a realidade brasileira, mais precisamente sobre o Ceará e o Piauí.

Na narrativa destaca-se a figura do vaqueiro Ataliba. Em meio ao conflito existente, Ataliba, que já possuía posição de destaque por sua condição de vaqueiro, torna-se o protetor de sua noiva e das demais pessoas que faziam parte do seu ciclo social.

O conflito vai reafirmar a condição de herói do vaqueiro Ataliba. Ele representava a dominação vigente nas relações sociais envolvidas, ou seja, era Ataliba o responsável pela segurança de Teresinha, a mãe dela e seu companheiro Cassange. Ataliba começa a mostrar-se preocupado logo no início da narrativa. Segundo Castelo Branco (2012, p.63):

Ataliba também se mostrava abalado; demais uma triste ideia o perseguia: era o resultado do que observava percorrendo as pastagens e deparando com os prenúncios indubitáveis de uma seca horrível. O vaqueiro confirmava a opinião do caçador e entretiveram-se ambos acerca da justiça das suas apreensões.

Por causa do seu posto de vaqueiro, Ataliba percorria muitas terras, e logo observou que uma grande seca estava por vir. Isso o abalou imediatamente, pois sabia as consequências de uma seca em uma sociedade essencialmente agrária. Com a tragédia se aproximando, Ataliba era então o responsável por tomar as primeiras decisões e dar início aos trabalhos que a seca lhe trouxe. Conforme Castelo Branco (2012, p.67):

Ataliba e Cassange não paravam um instante, não despiam mais suas vestes de couro e percorriam os recantos da fazenda em um labutar incessante. Ora procuravam tirar a pele dos animais que morriam, ora tentavam levantar pela cauda a rês que perdia forças e toca-la para junto de alguma sombra, o que rareava já na mata desnudada. [...] O vaqueiro então deliberou remover todo o gado para o lado da casa de Deodata, visto conservar-se ali o riacho mais abundante de águas e na maior profundidade dele.

Mesmo sabendo das dificuldades que estavam por vir, Ataliba tinha que honrar o seu trabalho de vaqueiro e cumprir com suas obrigações. O primeiro dever era tentar salvar o gado o qual era responsável. Ataliba trabalhava incansavelmente, sempre contando com a ajuda de seu companheiro Cassange.

Quando as dificuldades impostas pela seca começaram a aparecer as demais pessoas migraram para outras regiões, a fim de encontrarem melhores condições de sobrevivência. Ataliba não podia abandonar o seu posto, era seu dever tentar salvar o gado e cuidar da terra que lhe foi confiada. Conforme Castelo Branco (2012, p.68):

O vaqueiro mostrava-se resoluto em não abandonar os seus deveres, sem que o impossível paralisasse todos os seus esforços. Em circunstâncias tão críticas, sem covardia e deslealdade, pensava ele, desprezar a propriedade alheia que lhe fora confiada, quebrar a sua nobre aguilhada, renunciar às provanças e fugir como qualquer desses caboclos descuidosos, que vivem na ociosidade, dormindo, caçando e levando a rede de galho em galho [...] Ele nunca aceitaria semelhante conduta; ainda havia recursos, ainda podia resistir; resistia, pois, com a coragem de que era dotado o seu caráter inabalável e brioso.

Ataliba estava decidido a não abandonar suas obrigações de vaqueiro, sua decisão demonstrava coragem e lealdade, uma verdadeira atitude heroica. O narrador enaltece a conduta de Ataliba e considera seu caráter bondoso, generoso e valente, contrastando com os demais sertanejos que logo ao início da seca, abandonaram seus lares.

Mesmo com todas as suas tentativas de permanência no sertão, Ataliba constatou que não era mais seguro permanecer naquela região em meio a uma seca tão rigorosa. Em uma atitude heroica, Ataliba insistiu pela partida de Teresinha e sua mãe Deodata, em que ele mesmo se ofereceu para conduzi-las ao salvamento. Segundo Castelo Branco (2012, p.69):

Ataliba também insistia pela partida de Deodata com Teresinha; oferecia-se mesmo para conduzir o salvamento, se tanto fosse preciso, prevenindo-as, todavia, de que regressaria sem demora alguma ao seu porto de luta, como um valoroso capitão que permanece na brecha do baluarte desmantelado enquanto perdura o perigo.

Ataliba já havia decidido que não iria abandonar seu posto de batalha, cuidaria do gado e das terras que lhe foram confiadas, mas não poderia deixar sua amada no meio do perigo e insistia pela sua partida. Deodata não aceitou o

conselho do vaqueiro, e Teresinha com medo de abandonar seu noivo em uma situação tão difícil, acabou concordando com a mãe em permanecer no local.

O narrador descreve as emoções de Ataliba em meio aos conflitos que vivenciava. De um lado o vaqueiro mostrava-se preocupado com a responsabilidade que a sua profissão lhe trazia, ao mesmo tempo sentia a dor de não poder realizar seu amor, pois o casamento foi adiado por causa da seca, e sentia-se preocupado com Teresinha que permanecia em situação de tão pouca estabilidade. Conforme Castelo Branco (2012, p.69):

O sertanejo assaz padecia envolto neste círculo de aflições, que lhe traziam a responsabilidade da sua posição e a pureza do seu amor; mas ocupava os seus assaltos, os seus negros pressentimentos e mostrava-se calmo, pressuroso no trabalho, impassível à dor!

Ataliba sofria com seus conflitos físicos e sentimentais, mas não podia deixar-se abater, tinha a responsabilidade de zelar suas obrigações. O vaqueiro então investia no seu trabalho, e mostrava-se calmo, guardando os seus pressentimentos apenas para si, tentando não sofrer com a situação.

A situação se agrava, o riacho seca, não há mais água nem mesmo para beber, Deodata adocece, mas ainda assim se recusa a abandonar suas terras. No período final de sua doença, Deodata resolve partir, mas já estava muito debilitada, e coube ao vaqueiro procurar uma solução. Segundo Castelo Branco (2012, p.93) “Ataliba foi selar o cavalo, vestir o gibão e as perneiras para ir a fazenda buscar o carretão...”.

A forma como o autor descreve Ataliba, parece um cavaleiro vestindo sua armadura, prestes a sair para uma batalha. O gibão e as perneiras são itens indispensáveis a um vaqueiro, é a sua armadura, o seu cartão de entrada e reconhecimento por onde anda.

Deodata não resiste a sua doença e acaba falecendo, ela não era mais um empecilho para a fuga de Ataliba, Teresinha e Cassange. Ataliba cuidou do sepultamento de Deodata, e o desfecho da história parecia se encaminhar para um final feliz.

A seca dificultou a vida de todos no sertão, e todos buscavam sobreviver, tanto os homens quanto os animais. Na busca pela salvação, Ataliba se depara na beira da cacimba com uma onça, então o instinto de sobrevivência domina os dois. De acordo com Castelo Branco (2012, p.109):

A fera e o homem firmaram-se no chão, que parecia fundir-se ao ímpeto do choque poderoso dessas duas forças extraordinárias, que se confundiam em uma luta decisiva. Em vão a onça tentava ferir o nobre semblante de Ataliba, ou comprimir-lhe o corpo num amplexo de morte ou atirá-lo contra a parede da cacimba para o estrangular. Ataliba parecia um colosso inabalável.

A luta entre Ataliba e a onça é um dos momentos mais memoráveis da obra. O autor compara a força e a coragem de Ataliba a um animal muito feroz e temido. A disputa entre Ataliba e a fera reafirma a condição de herói do vaqueiro, pois demonstra toda a sua força, coragem, habilidade e determinação em vencer a luta, não fugindo do combate em nenhum momento.

Castelo Branco considera Ataliba um colosso, ou seja, um homem de imensa importância e poderoso, muito forte e corajoso. A luta não intimidou o herói, e com um golpe de faca matou a fera. A disputa havia acabado, mas Ataliba encontrava-se muito ferido e debilitado.

Com o barulho da luta, Teresinha desperta e corre a procura do noivo, temendo uma desgraça, e deixa cair o pavio de cera de abelha que estava em suas mãos, começando então um incêndio. A água que haviam reservado para a viagem se perde junto com a casa de Teresinha no incêndio, fazendo-os partir imediatamente.

A falta de água fez Teresinha adoecer, e debaixo de uma árvore ela acabou falecendo. O herói então se sente desesperado pela morte de sua amada, entrando em estado de choque e agonia. Quando chorava a morte de Teresinha, Ataliba foi surpreendido pela picada de uma cobra. Conforme Castelo Branco (2012, p.112):

O monstro espicha a cabeça, estende-se, estende-se, e, sibilando, vem mergulhar as presas nas feridas do sertanejo. O moço abriu as pálpebras, despertando-o talvez a dor causada pela mordedura e pela ação violenta do veneno, e encarou o semblante de sua noiva banhando-o de lágrimas. Depois... reparou na serpente que lhe sorvia o sangue, e sorriu como que agradecendo ao monstro a morte que lhe trazia, evitando-lhe a procurá-la.

No romance romântico *Ataliba, o vaqueiro*, Castelo Branco introduz o tema da morte como salvação para o seu personagem herói. Não podendo realizar o seu amor, Ataliba acaba então preferindo a morte a ter que viver procurando sua amada, que acabou não resistindo à seca. Percebe-se seu desejo de morte quando ele é picado pela cobra e ao olhar para a fera sorri, e como descreve o narrador, de certa forma Ataliba agradecia a serpente por poupa-lo da procura por sua amada que havia acabado de morrer.

Conforme Silva (2005, p.86) “Trata-se de romance romântico com um final trágico para os protagonistas; o destino cruel que os une a morte reduplica a tragédia de Romeu e Julieta, em plena caatinga nordestina”. O que seria uma narrativa simples e discreta de um amor entre um vaqueiro e uma morena sertaneja meiga e apaixonada, cede lugar a uma tragédia humana, narrando a luta dos nordestinos contra o inimigo que não pode ser superado: a seca.

4.3 Texto e contexto

Para analisar a obra *Ataliba, o vaqueiro* foi necessário levar em conta todo o momento sociocultural em que a obra foi produzida. A obra literária é criada dentro de um contexto e, portanto, traz consigo marcas da época em que foi produzida. A obra *Ataliba, o vaqueiro* foi então produzida para representar através de um romance ficcional, a trajetória vivida pelos sertanejos na seca de 1877. De acordo com Silva (2005, p.87):

Foi o ano de 1877, considerado fatídico para a população nordestina, em virtude da mais dramática seca que a memória humana já registrara. Muitas pessoas morreram de fome, em espetáculo dantesco que formou um plano de fundo para a mente popular expandir pela fantasia e colorir de forma lendária a transmissão da história do flagelo.

A seca era uma ameaça constante ao homem do sertão, ela trazia consigo desgraça e sofrimento para a população sertaneja. Castelo Branco enfatiza logo no início da obra a região em que a narrativa irá se passar. Essa atitude é comum ao romantismo, momento em que surgiu nos escritores o sentimento de nacionalidade. Conforme Silva (2005, p.85):

Os escritores brasileiros almejavam a criação de uma literatura independente. Nesse percurso destacam-se primeiro a ideologia indianista e, mais tarde, as tendências nacionalistas na procura da própria identidade, centrando por isso, grande parte das narrativas brasileiras no localismo. O nacionalismo distingue-se desde os primórdios da literatura brasileira pela valorização do local.

Na época em que *Ataliba, o vaqueiro* foi escrito, já existiam estabelecidos na sociedade brasileira, temas, pontos de vista e diversas preocupações no âmbito literário, político, social e cultural. Ao escrever sua obra, Castelo Branco então se preocupou em problematizar a questão da seca, trazendo para o texto uma situação que de fato havia ocorrido: a seca de 1877. Segundo Silva (2005, p.72):

Francisco Gil Castelo Branco estabelece a unidade de sua obra mediante a configuração de um painel da sociedade do Piauí em todas as linhas de seu complexo social. Consegue, desse modo, estruturar uma obra sobre o homem nordestino e seu meio ambiente. A seca de 1877 aconteceu e as consequências deixadas por ela foram muitas.

Então, observa-se na obra *Ataliba, o vaqueiro* a preocupação de Francisco Gil Castelo Branco em desenvolver a temática da seca, idealizando o vaqueiro como herói. O autor marca a sua obra com o caráter romântico que deu a *Ataliba e Teresinha*.

Ao combinar uma notícia, que era a seca de 1877, com um romance entre um jovem herói e sua amada, a obra ganha a simpatia dos cariocas, pois continha informações diferentes das que estavam acostumados. A obra *Ataliba, o vaqueiro* foi também uma estratégia de Castelo Branco para chamar a atenção do governo para a população do Nordeste.

O regionalismo na obra é marcado pela caracterização dos personagens, seus costumes e hábitos, e também pela realidade na descrição do ambiente. É através da narrativa, na existência do conflito, que *Ataliba* vai tomar a posição de herói, é a sua condição de vida, atitudes e personalidade que o destacam dos demais personagens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como objeto de estudo o vaqueiro e sua imagem de herói, buscou-se com a análise apontar os elementos que confirmassem a condição de herói do vaqueiro Ataliba na obra de Francisco Gil Castelo Branco.

Sabe-se que toda obra literária é uma representação da realidade em forma estética, sendo assim, ela representa a sociedade e traz consigo o contexto social de uma determinada época.

Em vista disso, encontrou-se na obra *Ataliba, o vaqueiro*, a idealização de um herói tipicamente piauiense. Um romance romântico que mostra de forma dramática a luta dos sertanejos na seca de 1877. Castelo Branco constrói o herói dentro de um conflito social.

O meio social aparece na obra em todos os momentos, deste a paisagem verde e cheia de vida, até a paisagem trágica da seca. Como também na descrição dos personagens e encontros sociais que ocorriam, como a festa de noivado de Ataliba e Teresinha.

O cenário escolhido pelo autor foi o sertão piauiense, próximo à província do Ceará, onde hoje é a cidade Castelo do Piauí. Castelo Branco apresenta o sertão com fidelidade. Ele pretendia mostrar para o resto do país a situação de abandono que os sertanejos viviam, sobretudo, em épocas de seca, mas também queria mostrar a riqueza dos costumes e dos valores que aquele povo tinha.

Cada um dos personagens da obra de Castelo Branco representa uma figura típica do sertão, sobrepondo-se entre os demais o vaqueiro, que naquela época era a figura de maior prestígio no sertão.

Como se observa em *Ataliba, o vaqueiro*, o contexto influencia na construção e idealização de Ataliba como herói. O sertão e, sobretudo a seca, são peças fundamentais para que Ataliba demonstre sua condição de herói do sertão. Os conflitos existentes ressaltaram suas habilidades, coragem e lealdade.

Ao trabalhar a seca, o autor denunciou uma realidade vivida por muitos nordestinos e que era desconhecida e/ou ignorada pelas autoridades da época. Castelo Branco representou ficcionalmente, mas com muita fidelidade o momento de tragédia que se abateu no sertão piauiense.

Enfim, Castelo Branco aponta a importância do vaqueiro no Piauí, demonstrando desde o título da obra sua superioridade, quando coloca o personagem seguido por sua profissão. A descrição de Ataliba pelo narrador evidencia sua importância na sociedade nordestina, e ao dar ao vaqueiro superioridade nas características físicas e morais, conclui-se que Ataliba é de fato o herói do sertão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **O que é literatura?**. Tradução Nestor de Sousa e Irineu Garcia. Salvat Editora do Brasil S/A, 1981.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 48° ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

BRAIT, Beth. **A personagem**. Série princípios. 6ª ed. Editora Ática, 1998.

BRANDÃO, Tânia. M. P. **O Vaqueiro: símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão**. História: cultura e sentimento. Outras histórias do Brasil. Recife: Ed.UFPE; Cuiabá: Ed.UFMT, 2008,p. 121-134.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e História Literária**. 9° ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____, Antônio. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 11ª Ed. Fundação Quixote, 2012.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói**. Coleção primeiros passos. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense S/A, 1995.

FILHO, Domício Proença. **A Linguagem Literária**. 5°ed. São Paulo: Ática, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOTHE, Flávio René. **O herói**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1985.

LUCCHESI, Ivo. **O declínio da heroicização no Ocidente**. Revista Saberes nº 1 (mar - ago 2008) Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2008.

MENEGUSSO, Gustavo. **O duplo narciso: O herói da modernidade em O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde e Esfinge, de Coelho Neto**. Dissertação de mestrado. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2012.

MORAES, Herculano, **Visão Histórica da Literatura Piauiense**. 4º ed. Teresina: HM, 1997.

SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. **A representação da seca na narrativa piauiense: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Juliana Sousa Rodrigues,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Ataliba, o vaqueiro: Um só piauiense nas páginas
narrativas de Francisco Gil Castelo Branco.
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 27 de junho de 20 16.

Juliana Sousa Rodrigues
 Assinatura

 Assinatura